

O Psicodrama Pedagógico revelando o papel social e psicodramático do professor

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar os papéis sociais e psicodramáticos de um grupo de professores e futuros professores, participantes de um programa de formação de uma universidade pública paulista, que emergiram de uma vivência com o Método Educacional Psicodramático. A Teoria de Papéis de Moreno e os ensinamentos de Romãna embasaram a discussão dos resultados. As análises revelaram os papéis psicodramáticos dos professores atuando fortemente nas situações escolares cotidianas, enquanto o papel social muitas vezes se perde em meio aos conflitos. Porém, coletivamente, os participantes demonstraram que são capazes de encontrar soluções novas e muito criativas para as situações conservadas, diante das quais costumam se colocar de forma passiva e alienada.

Palavras-chave: Papel do professor, Teoria de Papéis, Psicodrama Pedagógico, Formação de professores.

Introdução

O ambiente escolar está repleto de situações conservadas, diante das quais os indivíduos perdem a espontaneidade, que é a capacidade de dar uma resposta nova para uma situação velha, segundo Moreno. O problema das conservas, neste contexto, é que se elas não forem reavaliadas, de tempos em tempos, podem se transformar em obstáculos para o enfrentamento das questões que se apresentam no cotidiano, inclusive comprometendo, desgastando e até subvertendo o papel social do professor.

As continuadas tentativas de inovação no contexto escolar, o que inclui as mudanças curriculares e a introdução de novos materiais didáticos e as metodologias de ensino e aprendizagem, sempre são muito louváveis. Porém, o que ocorre é que na

maioria das vezes, os atores que irão manejar esses elementos, no caso, os professores, não passam pela necessária preparação. E não se trata aqui apenas de treinamento, formação ou capacitação para a utilização de novos recursos. Trata-se, antes, de desenvolver o ser humano para ser capaz de perceber-se, perceber o outro e transformar-se, e daí saber agir dentro de contextos novos. Assim, entendemos que o contexto educacional é, na atualidade, um dos mais carentes em ações de desenvolvimento humano e profissional.

A experiência que será relatada aqui partiu da necessidade de problematizar o papel do professor diante das ações conservadas em situações cotidianas do contexto escolar, com a ajuda do Método Educacional Psicodramático, num exercício de espontaneidade e criatividade que buscou construir respostas novas para as situações velhas.

Tratando-se, ao mesmo tempo, de um *role-playing* do papel do educador, pois havia também a intenção de auxiliar os participantes na tomada de consciência e de reflexão sobre o seu papel e sobre o poder de interferência em seu meio, entendemos que este trabalho se adequa à concepção de Psicodrama Pedagógico de Maria Alícia Romaña.

O objetivo geral deste trabalho é fazer uma análise dos papéis sociais e psicodramáticos de professores e futuros professores que emergiram de uma vivência com o Método Educacional Psicodramático. Como objetivos específicos, nos propomos a identificar situações conservadas dentro do contexto escolar, ajudar os participantes a buscar respostas novas para as situações velhas apresentadas e refletir sobre o papel do professor neste contexto.

Faremos uma discussão dos dados coletados à luz de conceitos morenianos fundamentais de Conserva Cultural, Espontaneidade e Criatividade, da Teoria de

Papéis, dos ensinamentos de Maria Alícia Romana, além de outros psicodramatistas; e oportunamente, alguns autores que tratam da formação de professores e da reflexão sobre as práticas docentes.

Fundamentação teórica

Para Moreno, o homem nasce espontâneo e criativo e deixa de sê-lo devido a fatores socioculturais. Um mínimo de *espontaneidade*, “resposta do indivíduo a uma nova situação e a nova resposta a uma antiga situação” (Moreno, 2013, p. 101), *criatividade* e *adequação* (adaptação, ajuste) são atos exigidos de um bebê assim que ele nasce para que sobreviva.

Gonçalves, Wolff e Almeida (1988, p.47) redefinem espontaneidade como “a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou, ainda, transformadora de situações preestabelecidas”.

Porém, a cultura é mantenedora das práticas convergentes que conservam as ações, pensamentos e afetos dos indivíduos. Moreno denominou *conserva cultural* todos os objetos materiais (livros, obras de arte, artefatos tecnológicos), comportamentos, usos e costumes de uma dada cultura, que são resultados de um processo de criação, mas que se mantêm idênticos, cristalizados no tempo (Gonçalves, Wolff e Almeida, 1988)

No entanto, Moreno se propõe a reavaliar as conservas a partir do momento em que observa o declínio da função criadora do homem ao enfrentar os problemas do seu tempo. Para ele, as conservas culturais constituem somente o ponto de partida e a base da ação, sob pena de se transformarem em obstáculos para a manifestação da criatividade e da espontaneidade.

Segundo Moreno (2013), na sociedade, o Homem assume vários papéis durante sua vida: profissional, social, familiar, institucional, etc. Todo papel é uma fusão de

elementos privados e coletivos, ou seja, é constituído pela singularidade do agente, de suas experiências individuais e pela sua inserção na vida social. Levando em conta que a identidade de um indivíduo é formada a partir de suas interações sociais, os papéis por ele desenvolvidos ao longo da vida são todos complementares, ou seja, não existe o papel de mãe sem o papel de filho, não existe o papel de professor sem o papel de aluno.

De acordo com Moreno, temos três tipos de papéis fundamentais: os *papéis psicossomáticos*, os *papéis sociais* e os *papéis psicodramáticos*. Os papéis psicossomáticos expressam a dimensão fisiológica do ser; os papéis sociais expressam a dimensão social e se referem às funções assumidas pelo indivíduo na sociedade em que vive; os papéis psicodramáticos expressam a dimensão psicológica do Eu, referindo-se a todos aqueles papéis que surgem da atividade criadora do indivíduo.

Os papéis sociais estão intimamente relacionados com os papéis psicodramáticos, pois estes últimos se realizam através dos primeiros. Segundo Rojas-Bermúdez (1980), a dimensão psicológica do Eu, que é construída e revelada pelo sentimento de realização e de satisfação pessoal no exercício criativo dos papéis sociais fixos e rotineiros, leva o indivíduo ao progresso do Eu. Entretanto, se o exercício diário dos papéis sociais, que demanda esforços e comprometimento, levar o indivíduo a insatisfações constantes, ao sentimento de fracasso e de inutilidade, isso pode provocar o empobrecimento do Eu, e conseqüentemente a busca de compensação na fantasia e em identificações projetivas (personagens de teatro, cinema, televisão).

Ao contrário do papel social onde, segundo Moreno, opera predominantemente a *função de realidade*, o papel psicodramático opera predominantemente na *fantasia*. Embora ambos os papéis mantenham entre si uma tensão dinâmica, os papéis psicodramáticos podem sofrer transformações ao longo da vida. A ação dramática, que é uma experiência no “como se”, o indivíduo tem a oportunidade de reconhecer as

fantasias investidas em seu papel, especialmente nos papéis idealizados ou irrealizáveis. Dentro do contexto escolar, Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) apresentam um ótimo exemplo de papel irrealizável de professor, *o professor “sabe-tudo”*, dizendo que um indivíduo inconscientemente comprometido com esse papel irrealizável - *unidade cristalizada de fantasia*, pois *ninguém sabe tudo* - bloqueia sua espontaneidade no cotidiano, e ainda mantém-se preso a uma prejudicial fonte de ansiedade e frustração. Esse cenário pode gerar uma dificuldade do indivíduo em modificar o papel psicodramático, desprender-se dele e escolher ou desenvolver um mais adequado.

Por outro lado, Naffah Neto (1997), sobre a construção de papéis, entende que não há necessariamente uma contraposição ou uma clivagem entre papéis sociais e psicodramáticos, defendendo que esses últimos seriam a expressão do “potencial criativo do sujeito, e como tal a concretização da imaginação criadora possibilitada e catalisada pela espontaneidade” (Naffah Neto, p. 211, 1997).

De qualquer forma, tanto o Sociodrama, no nível dos conflitos grupais, quanto o Psicodrama, nos conflitos pessoais, podem ajudar o indivíduo a investigar esses papéis e ajustá-los, se for o caso, balizado pelas consequências da interação entre sua imaginação e sua ação no mundo.

Métodos

O público alvo deste trabalho (sujeitos da pesquisa) foi composto de duas categorias: professores (3) e alunos graduandos (17), todos bolsistas de um programa de formação de professores das áreas de ciências biológicas e química, viabilizado por uma universidade pública paulista. As informações que caracterizam o perfil dos participantes foram coletadas por meio de um questionário em formulário *Google Forms*. Para atender às questões éticas relativas à pesquisa científica acadêmica, neste

questionário, também foi coletada a autorização dos participantes para publicação das falas e das imagens.

Dentro da teoria da Sociatria, o método que foi adotado na experiência que relataremos aqui corresponde ao Método Educacional Psicodramático, de Maria Alícia Romaña. A vivência foi desenvolvida em uma única sessão, portanto, um Ato Sociodramático, com duração total de 2 horas e trinta minutos.

O procedimento seguiu as três etapas da sessão sociátrica (Malaquias, 2012): o *aquecimento*, que é o conjunto de procedimentos que prepara o indivíduo para a ação, dividido em dois tipos, *inespecífico*, onde se realizam atividades que centralizam a atenção do grupo e promove a interação de seus participantes; e *específico*, prepara o grupo ou protagonista para a ação dramática. A *dramatização*, que é o núcleo do Psicodrama, onde o material ou tema trazido pelo protagonista ou grupo é encenado e tratado com as técnicas psicodramáticas. Neste caso, os três passos do Método Educacional Psicodramático (MEP) foram introduzidos dentro do núcleo central. E, por último, acontece o *compartilhamento*, quando se dão os comentários e as impressões acerca dos sentimentos despertados.

O MEP como núcleo da dramatização, foi escolhido nesta pesquisa, por tratar-se de uma metodologia ativa que, além de trabalhar conteúdos, permitiu tratar do papel de educador. Para Romaña, é através do Role-Playing que o futuro professor tem a oportunidade de “elaborar suas expectativas e temores (...); toma consciência também de suas idealizações com relação à futura profissão; e percebe (...) os limites de sua tarefa enquanto educador” (Romaña, 1985, p.48), além de se propor a desenvolver uma consciência crítica e reflexiva de seus atores para obter uma compreensão do mundo e suas contingências com autonomia e compromisso (Romaña, 2004).

Detalhando um pouco mais os três passos do MEP, tal como foi aplicado no caso desta pesquisa, temos:

1º Passo (Real): a aproximação dos participantes com o conhecimento ao nível de suas experiências reais e pessoais, intuitivas e/ou afetivas, deu-se por meio da seguinte consigna: *considerando cenas do cotidiano escolar, cada grupo deve construir uma imagem que retrate uma situação velha e a respectiva resposta conservada.*

2º Passo (Simbólico): ocorre quando os alunos deixam o terreno da realidade e partem para a abstração. Nesse momento, o aluno realiza o esforço racional de síntese, alcançando um nível maior do ponto de vista da aprendizagem. Neste passo, a diretora deu a seguinte consigna: *cada grupo deverá buscar referências simbólicas (personagens) ou “memes” para representar a situação retratada pela imagem.*

3º Passo (Imaginário): os participantes colocam à prova o conhecimento sobre o qual se está trabalhando, tornando-o funcional, aplicável. A dramatização ocorre ao nível da fantasia, do imaginário, onde se buscam novas associações a partir do conhecimento adquirido e incorporado nos passos anteriores. Para executar este passo, a diretora deu a seguinte consigna: *cada grupo irá imaginar e elaborar uma resposta nova para a situação velha, construindo uma nova imagem.*

A *Construção de Imagens* (Real e Simbólica), ou seja, uma reprodução fotográfica (foto, ou cena congelada) foi o instrumento escolhido para dramatizar o momento crucial das situações escolares cotidianas.

A diretora da sessão explorou todas as imagens construídas pelos subgrupos para revelar o que os personagens estavam pensando, ora usando a técnica do *solilóquio*, dando voz aos personagens da cena ou à plateia, ora usando o *duplo*, quando os personagens tinham dificuldade para expressar seus pensamentos ou sentimentos.

Os dados foram coletados por meio de videogravações e fotos da vivência, constituindo esses os materiais de análise. A análise dos dados foi realizada seguindo a sequência das etapas da sessão, com mais atenção ao núcleo central, ou seja, aos passos do MEP. A análise qualitativa dos dados foi feita com o apoio de referenciais teóricos do Psicodrama e, oportunamente, também do campo da Educação, especificamente da formação de professores.

Resultados e discussão

Aquecimento inespecífico e específico

O aquecimento inespecífico foi realizado em clima de bastante descontração, a partir do iniciador físico, primeiramente com movimentos corporais de relaxamento que auxiliassem o grupo na transição do *contexto social* para o *grupai*. O aquecimento específico consistiu em introduzir o grupo no tema da sessão (situações conservadas), provocando o surgimento de situações rotineiras (situações velhas), fora do contexto escolar, vividas pelos participantes e as respectivas respostas (respostas velhas) para essas situações, ainda com movimentos corporais. Surgiram situações como: o movimento de sair da cama pela manhã; o movimento de chegar em casa depois de um dia de trabalho e estudo.

Dramatização: Método Educacional Psicodramático (MEP)

A partir deste momento, todos os passos do MEP serão realizados em três pequenos grupos que foram nomeados, pelos próprios participantes, de **“Prô, pode í ao banheiro?” (Grupo A); “Bom dia!” (Grupo B) e “Guarda já o celular” (Grupo C).** Cada um desses nomes se originou a partir das situações conservadas trazidas pelas imagens.

1º Passo: O Real

As imagens construídas pelos grupos correspondem a três situações bem comuns do cotidiano escolar onde, basicamente, temos dois papéis sociais sendo desempenhados, o papel de professor e o papel de aluno, ou seja, papel e seu contrapapel. Da mesma forma, nas três cenas, podemos encontrar os papéis psicodramáticos de professor e de aluno, sendo o de aluno comumente “aquele que não estuda”, “o desinteressado”, “aquele que tenta enganar o professor”, “o injustiçado”, “o aluno-problema”, “o limitado”, mas tem também “o dedicado”, “o esforçado”, “o exemplar”. O professor, por sua vez, é “o bonzinho”, “o autoritário”, “o chato”, “o bobo”.

Papéis psicodramáticos conservados, como os enunciados acima, são facilmente reconhecíveis, a começar pelo *modus operandi* que revelam em suas condutas. Isso significa, nas palavras de Moreno (2013), que os papéis são atuados, aparecem nas ações, podem ser observados, ou seja, são assumidos “no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas e objetos estão envolvidos” (Moreno, 2013, p. 27).

De acordo com Naffah Neto (1997, p. 197) os papéis sociais aqui representados carregam “os nós cristalizados de uma rede interior da qual se camufla o drama coletivo” permitindo a identificação de uma dinâmica microssocial.

No caso da formação de futuros professores, a tomada de consciência ou, o reconhecimento dos papéis sociais e dos papéis psicodramáticos, são fundamentais para que o profissional tenha condições de, durante o exercício de sua profissão, se transformar e funcionar de forma mais espontânea dentro do seu papel. E será exatamente durante o treinamento de papéis, ou seja, começando pelo *role-taking* e passando pelo *role-playing* desde a formação acadêmica, que se pode chegar ao *role-creating*, ou seja, “algo que vai se passando desde os primórdios da incorporação de um

modelo de papel pronto e legitimado pelo corpo/contexto social” até “a criação nesse papel” vivenciando “um tensionamento entre o instituído e sua transformação singular” (Dedomenico, 2013, p. 91)

2º Passo: O Simbólico

Neste 2º Passo, os grupos apresentam, em suas simbolizações, uma síntese conceitual dos papéis sociais de professor e de aluno. Basicamente, temos um professor “perdido” (Grupo A), alunos “Garfield” (Grupo B) e “relações truncadas” entre professor e seus alunos (Grupo C).

À luz da Teoria de Papéis, essa conceituação para os papéis sociais de professor e de aluno, na verdade, emergem dos papéis psicodramáticos que são fortemente desempenhados pelos seus atores. Em outras palavras, é como se, no solo diário da sala de aula, professores e alunos operassem de maneira muito mais convincente *na fantasia* do que *na realidade*. E se, em alguma medida, a fantasia torna-se muito maior do que a realidade, isso significa que os indivíduos passam a pensar e agir no “como se”.

Mas a discussão que surge é: por que professores e alunos optam por viverem seus papéis na fantasia? Uma hipótese plausível estaria no simples fato de que os indivíduos nem sempre sabem ou conseguem lidar com a realidade que se apresenta diante deles.

Voltando para a Teoria de Papéis, quanto mais a *fantasia* e o “como se” encobrirem a *realidade*, maior a distância e a distorção entre o papel social e o papel psicodramático de professor. Hoje, o professor quase já não se reconhece em sua função original.

3º PASSO: O Imaginário (Fantasia)

No 3º passo do Psicodrama Pedagógico, os participantes tem a oportunidade de dramatizarem, no Plano da Imaginação, as possibilidades escolhidas para lidarem com as situações surgidas no plano dramático do Real (1º passo).

Segundo Romaña (1985), os professores se formam carregando suas intuições, os estereótipos de professores que introjetaram a partir de suas vivências como alunos, e algumas fórmulas ou receitas de como deve ser um professor. Mas logo percebem a fragilidade desse modelo diante das exigências do papel.

Por isso, Romaña (1985) defende o *role-playing* como treinamento e desenvolvimento do papel de professor, onde ele descobre e compreende vários aspectos da docência, incluindo seus limites, seus potenciais, sua criatividade. O plano da Imaginação (ou da Fantasia) tem, precisamente, essa função.

Imaginar respostas novas para as situações velhas, mesmo no Plano da Fantasia, tal como foi a proposta dessa vivência, consiste num exercício de resgate da espontaneidade, fundamental para todos os atores inseridos no contexto atual da educação, especialmente para o professor.

Não há dúvidas de que a resposta nova foi atingida com muita criatividade. No entanto, um *role-playing* do papel de professor e de aluno, exigiria um trabalho nesta cena objetivando o alcance da espontaneidade também sob o ponto de vista de sua adequação.

Isso quer dizer que ser criativo e espontâneo não significa que os professores podem fazer qualquer coisa, apenas para dar uma resposta “diferente”. Em primeiro lugar, significa identificar e reconhecer os papéis psicodramáticos, ou fantasias, que habitam em suas práticas. Significa olhar-se no espelho de Moreno e perceber quais as suas conservas, seja em forma de modelos, crenças, pensamentos e sentimentos que permeiam suas ações como professor.

O trabalho no plano Imaginário revela-se extremamente importante para o desenvolvimento do papel de professor, pois é o momento que permite aos indivíduos sonharem e avaliarem as soluções propostas. Principalmente nos cursos de formação de

professores, onde as dificuldades em inovar, infelizmente, ainda estão presentes, seja por resistência das instituições, e até do seu próprio corpo docente (Altarugio & Capecchi, 2016).

Pelo que pudemos ver nas imagens construídas pelos participantes, essa imaginação existe, mas parece que ora joga a favor, ora joga contra o papel do professor. A dramatização vem justamente auxiliar o grupo a perceber esses momentos e também, concordando com Naffah Neto (1997), a função da dramatização é reconstruir sentidos, recriando, através da ação espontânea, os papéis rigidamente desempenhados.

Compartilhamento

A diretora perguntou ao grupo como a atividade os afetou, pessoalmente. Como respostas, ouvimos sobre a importância da tomada de consciência de si, começando, segundo os participantes, pelas “pequenas coisas”; “nas situações que a gente vive, nas coisas que a gente faz”, e depois, “na prática docente”.

Alguns depoimentos nos trouxeram a esperança do Psicodrama como um caminho promissor, pois é possível, para alguns alunos, “mudar depois de aulas que me fazem pensar” e “tomar diferentes atitudes”. Outros depoimentos revelaram a percepção dos participantes em relação a situações cotidianas onde se pode “entrar” e “sair do automático”. Em linguagem psicodramática, podemos entender essa preocupação como manter ou transformar práticas conservadas. No contexto educacional, convém nos apropriarmos das ideias de Romaña (1985), no sentido de defender as técnicas psicodramáticas e o *role-playing* na preparação de educadores.

Uma aluna levanta uma dimensão do papel de professor que vai além de saber o conteúdo, a dimensão das relações interpessoais. Embora, segundo Carvalho e Gil-Pérez (2001), seja inegociável a importância do professor em dominar os conteúdos que

ensina, e sem o qual o professor se torna incapaz de inovar suas práticas, ainda assim, é preciso lembrar do exemplo do professor *sabe-tudo* como papel irrealizável (Gonçalves, Wolff & Almeida, 1988).

No entanto, “fazer diferente” não basta como meta para atingir a espontaneidade, na visão moreniana. Para ser espontâneo e modificar a realidade insatisfatória na qual se está vivendo, é preciso, antes de tudo ser criativo, visto que não é possível apenas ignorar o que é real (Fernandes & Castro, 2018).

Considerações finais

Os resultados obtidos revelaram a presença dos papéis psicodramáticos dos professores atuando fortemente nas situações escolares cotidianas, enquanto o papel social muitas vezes se perde em meio aos conflitos. No entanto, coletivamente, os participantes demonstraram que são capazes de encontrar soluções novas e muito criativas para situações diante das quais costumam se colocar de forma passiva e alienada.

Estas reflexões nos ajudam a elaborar a conclusão deste trabalho, no sentido de perceber que a tarefa de formar professores mais conscientes das condições do seu papel, de suas intercorrências, do que pode funcionar ou não, é possível, tanto quanto é necessária.

É necessária, pois é apenas tomando consciência de suas conservas docentes, de suas atuações enrijecidas, que os professores aprenderão a deixar de lutar sempre as mesmas batalhas, ou lutar de outras formas as novas e as velhas batalhas. Os professores precisam aprender a reconhecer seus papéis psicodramáticos, em que momentos eles podem jogar contra e a favor, e a questionar seus pensamentos, ações e

sentimentos. Mas também precisam resgatar, com urgência, o seu papel social, para que consigam exercer seu ofício com dignidade.

É possível, pois o resgate da espontaneidade e da criatividade, no campo da educação, pode começar na formação inicial de professores, com o treinamento de papéis (*role-taking e role-playing*); pode e deve continuar ao longo da carreira (*role-creating*). Desafio que inclui os formadores de professores, que precisam acreditar que é possível tornar o exercício da profissão mais saudável e satisfatório.

Referências

- Altarugio, M. H., & Capecchi, M. C. de M. (2016, maio). Sociodrama pedagógico: uma proposta para a tomada de consciência e reflexão docente. *Alexandria*, 9(1), 31-55, maio. doi: 10.5007/1982-5153.
- Carvalho, A. M., & Gil-Pérez, D. (2001). O saber e o saber fazer do professor. In: A.D. Castro, A.M.P. Carvalho (Orgs.). *Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média* (pp. 107-124). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Dedomenico, A. M. (2013). A funcionalidade do conceito de papel. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 21(2), 81-92.
- Fernandes, J. L. & Castro, A. (2018). A influência da prática do teatro no desenvolvimento da espontaneidade: uma pesquisa com alunos de uma escola de teatro. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 26 (2), 8-22.
- Gonçalves, C.S., Wolff, J.R. & Almeida, W.C. (1988). *Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno*. São Paulo: Editora Ágora.
- Moreno, J.L. (2013). *Psicodrama*. Tradução de Álvaro Cabral. 16ª ed. São Paulo: Cultrix.
- Malaquias, M.C. (2012). Teoria dos Grupos e Sociatria. In: M. P. Nery & I. G. Conceição. (Orgs.) *Intervenções Grupais: O Psicodrama e seus Métodos*. (pp. 18-36). São Paulo: Ágora.
- Naffah Neto, A. (1997). *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus Editora.
- Rojas-Bermúdez, J.G. (1980). *Introdução ao psicodrama*. (3ª. ed.). São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Romaña, M. A. (1985). *Psicodrama pedagógico: método educacional psicodramático*. Campinas, SP: Papirus.

Romaña, M. A. (1992). *Construção coletiva do conhecimento através do psicodrama*. Campinas, SP: Papirus.

Romaña, M. A. (2004). *Pedagogia do drama: 8 perguntas & 3 relatos*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

24/10/2019

Psicodrama no PIBID

Psicodrama no PIBID

Caros alunos, por gentileza, peço que respondam o breve questionário abaixo com informações sobre a participação de vocês no encontro do PIBID, no dia 24/07, onde tratamos de uma sessão de Psicodrama. Essas informações são exclusivas para compor um trabalho científico que estou desenvolvendo e pretendo publicar futuramente. Muito obrigada!



* Required

1. Nome completo *

2. Ano de ingresso na UFABC *

3. Curso(s) que faz atualmente na UFABC *

4. Curso(s) que pretende fazer na UFABC *

5. Quanto tempo de experiência no PIBID (meses) *

6. Outras experiências em escola ou sala de aula, exceto o PIBID (pode ser estágio supervisionado também) *

maisa.altarugio

Ver questão n.7

24/10/2019

Psicodrama no PIBID

7. Autoriza a publicação desses dados, de suas falas e/ou imagens, sem identificação de seu nome, em trabalho científico de pesquisa, relativo a sua participação no encontro do PIBID em 24/07? *

Mark only one oval.

- ☐ sim, dados, falas e imagens
☐ não, nem dados, nem falas, nem imagens
☐ sim, menos as imagens



maisa.altarugio

Obs: nesse caso, não houve um TCLE no modelo tradicional. Neste questionário, respondido pelos alunos, online, foi inserida uma questão referente a um pedido de autorização de publicação. Espero que isso seja suficiente, pois mesmo no trabalho não há nenhuma identificação dos sujeitos participantes.

Powered by

Google Forms